

## **RUÍNAS FRATELLI VITA: UMA EXPERIÊNCIA COMO ARTISTA-CURADORA**

VigaGordilho  
(Maria Virginia Gordilho Martins)  
Profª Drª da Escola de Belas Artes (EBA),  
Universidade Federal da Bahia (UFBA).

### **RESUMO**

*Ruínas Fratelli Vita constitui-se uma experiência de VigaGordilho como artista-curadora, no interior das ruínas da fábrica de refrigerantes e cristais Fratelli Vita, localizada em Salvador/BA. A curadoria propôs a um grupo de artistas interferências dialogáveis com a especificidade do sítio, através de distintas linguagens híbridas, desde a passagem da pintura à fotografia, da instalação a ações instauradas no interior da fábrica, em busca de um caleidoscópio de idéias. As obras foram elaboradas por mestrandos da linha de pesquisa Processos Criativos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) e alunos de Graduação, Escola de Belas Artes (EBA), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), além de pesquisadores do Grupo de Pesquisa, Matéria, Conceito e Memória (MCM). A mostra foi processual. Palavras chave: Memória – ruína – interferência – processo criativo – artista-curadora.*

### **FRATELLI VITA'S RUINS: An artist-curator experience**

### **ABSTRACT**

*Fratelli Vita's Ruins, was an artist-curator experience by VigaGordilho realized in the interior of a bottles and crystals plant, located in Salvador/BA. The curatorship proposed to an artist group, to work on sort of dialogic interferences according with the site's specificities. The idea was to develop distinct hybrid languages, passing through paintings up to photography, and the art installation up to "restored actions" inside the plant, looking for build an ideas kaleidoscope. The art works were realized by Master degree students of Creative Processes line of the Visual Arts Postgraduate Programme – PPGAV ) the Graduation degree students of the sama School of Fine Arts at the Universidade Federal da Bahia, and also researchers who integrate the Material, concept and memory(MCM) in Research Group. The exhibition was procedural. Words: Memory – bottles and crystals – interferences – creative processes – artist-curator.*

## PRIMEIRO IMPACTO

Os viveiros lá estavam. Desde antes, em frente à fábrica podiam ser vistos. Embora vazios, ainda assim, lá permaneciam: na antiga fábrica de cristais e refrigerantes Fratelli Vita compunham a paisagem do dia-a-dia.

Contam que, quando a fábrica funcionava (1920-1962), eles, os viveiros, eram repletos de pássaros. Cantadores, faziam-se os pássaros, no entanto, mensageiros da triste notícia, pois, se algum gás tóxico escapasse, as aves seriam as primeiras a morrer, sinalizando aos homens o eminente perigo. Por isso, ficou impossível passar por ali, diante deles, sem pensar na morte que dava lugar à vida, ou na vida, que transpunha e vencida a morte.

Este foi o grande impacto que tangeu minha emoção quando pela primeira vez adentrei as ruínas da fábrica. E talvez tenha sido essa percepção primeira que me anunciou o universo antagônico de luz x sombra, grito x silêncio, morte x vida, para a criação de uma proposta de curadoria com interferências artísticas nas ruínas da fábrica Fratelli Vita, localizada à Rua Barão de Cotegipe, 147, Roma, Cidade Baixa, em Salvador da Bahia.

## A FÁBRICA

Às vezes, não nos lembramos de nomes de ruas, avenidas ou viadutos... Porém, não nos esquecemos da localização geográfica de alguns emblemas, e da própria imagem que se fixa em nossa retina e nos capta pelo universo da Gestalt. Na cidade de Salvador, recorte pontual desse projeto, sempre se estabelecem relações espaciais com alguns monumentos, ou vários, porque muitos há nesta cidade: o de Castro Alves, na praça de mesmo nome; o do Caboclo, levantado na praça Dois de Julho; o da Catedral da Sé, simbolizado por uma grande cruz caída, arte de Mário Cravo.

Outras vezes, são certas ruínas - como a da Fratelli Vita - que constituem o nosso objeto de interferência artística. Para os baianos, em geral, integram elas um exemplo de convergência da memória local, uma construção que se tornou específica, peculiar sítio na demarcação de espaço e tempo, elemento urbano tornado imagem e lembrança da velha Salvador.

As ruínas da fábrica Fratelli Vita são, pois, um marco imbricado na memória da cidade, balizam um outro espaço físico, testemunha do que ali se fez e se passou, ou mesmo do que ali existia. As ruínas, como memória

coletiva de um recorte histórico, traduzem, ainda hoje, o imaginário e o viço de determinada geração.

Fundada pelo italiano Giuseppe Vita, a fábrica foi inaugurada no início do século XX, no propósito de fabricar guaraná e outras gasosas. Com a indústria de refrigerantes consolidada, Giuseppe e seu irmão investiram na fabricação de cristais, pesquisando fórmulas e promovendo a formação de fundidores e lapidadores, o que levou a fábrica à produção de refinados cristais que se tornaram mundialmente conhecidos. Os famosos cristais Fratelli Vita mantiveram-se, ao longo de quase quarenta anos, presentes nas mesas de muitas famílias brasileiras, notadamente baianas. Em algumas casas soteropolitanas, zelosamente guardados em cristaleiras trabalhadas, outras tantas permanecem como resquícios de empenho e arte. Fazem-se ainda conhecidos de um outro público: pela sua importância e raridade, dispostos em vitrines, constituem acervo do Museu Carlos Costa Pinto, em Salvador.

Importante pontuar que referida fábrica foi erguida como espelhamento de uma construção inglesa, acentuando-se a presença de estrutura de ferro, a cobertura de vidro e o revestimento com azulejos brancos. Assim, as ruínas conservam, até os dias atuais, uma atmosfera clara, com amplos espaços iluminados pela luz natural, luz que incide pelas frestas e aberturas nas paredes e teto, e delas certamente ecoam inúmeras memórias.

A Professora Dr<sup>a</sup> do PPGAV – Belas Artes, UFBA, Maria Herminia Oliveira Hernández, desse maneira se coloca: “O período entre o tempo que o edifício foi construído e este presente histórico está constituído por outros presentes históricos que hoje formam parte do passado, mas nesse trânsito o edifício conservou suas marcas. Hoje ele (se) constitui uma testemunha mutilada mas ainda reconhecível do tempo humano, onde ainda há a consistência física da obra de arte, consistência material, em que se manifesta a imagem.”

Para este projeto, além da curadoria propor a criação de poéticas visuais que indicassem possíveis lembranças de alguns dos artistas nascidos antes do fechamento da fábrica, pensou-se também na inserção das obras de cada um deles, gerando diálogos com os espaços ociosos das ruínas, especialmente com as marcas adquiridas ou sofridas, objetivando-se um trânsito entre “outros presentes históricos”, como pontua ainda a pesquisadora Maria Herminia:

“Neste presente histórico, o prédio foi tomado pelos artistas que, com suas excelentes obras, trouxeram o valor afetivo da memória para todos aqueles que desde gerações passadas construíram edifícios como este, e que vieram a se constituir representações de arte e de fazer. Houve então uma preservação ilusória, momentânea, difundida nas dimensões dos espaços”.

## A PROPOSTA

Acredito que a cidade é toda ela memória, reflete e refrata pensamentos, crenças, histórias de vida, de quantos ali viveram, passaram ou do que trouxeram das suas origens, portando todos inimagináveis acervos impressos na mente e no coração. Calvino nos brinda com as palavras:

A cidade não conta o seu passado, ela o contém, como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, antenas dos pára-raios [...] (CALVINO. 1999, p. 14).

Considerando-se a presença de inúmeras ruínas no centro urbano de Salvador, pensou-se nelas como potencial de um espaço não institucional, mas perfeitamente adequado para abrigar poéticas artísticas porque, parafraseando Ítalo Calvino, “A cidade não conta o seu passado, ela o contém [...]”.

Pois foi justamente esse “contém” que me levou a escolher as ruínas Fratelli Vita como espaço urbano, para suscitar e alimentar questionamentos junto aos mestrandos da linha de *Processos Criativos*, do PPGAV, acerca de arte pública e da vida social e cotidiana do soteropolitano. Para ampliar as reflexões, pontuou-se que o dia-a-dia oportuniza um elo nas relações, não apenas sociais, mas espaciais e afetivas (enquanto memória), intrínsecas a um território público, decorrentes da amplitude do campo de visualidade em relação a investigação de seus múltiplos objetos de estudo.

Adquiridas pelas Faculdades Integradas da Bahia (FIB), um Centro Universitário privado cuja reitoria<sup>i</sup> pretende implantar nos seus espaços (16,5 mil metros quadrados), um Campus para abrigar vários cursos, entre eles os de Oceanografia, Biologia Marinha e Engenharia Naval. Pela localização geograficamente privilegiada em frente à praia do Canta Galo seguramente poderão as ruínas Fratelli Vita, transformadas por cuidadoso restauro<sup>ii</sup>, contribuir para os estudos do mar. Refazendo um caminho iniciado com altos propósitos, continuarão a serviço da comunidade, como Faculdade do mar.

De mais precioso e significativo para a realização desse projeto é que elas ainda estão lá, monumentais, abertas à criatividade artístico-cultural e me

fazem lembrar Baudelaire, quando alia a temática da cidade ao “papel divino” da escultura:

Ao atravessarmos uma grande cidade, com muitos séculos de civilização, nossos olhos são levados para o alto, pois nas praças, nos ângulos dos caminhos, personagens imóveis, maiores do que aquelas que passam a seus pés contam-nos numa linguagem muda as faltosas lendas de glória, da guerra, da ciência e do martírio. Algumas mostram o céu, a que sempre aspira; outras designam a terra, de onde se alçaram. Agitam ou contemplam o que foi a paixão de suas vidas e que resultou no seu emblema: um instrumento, uma espada, um livro, uma tocha [...] O fantasma de pedras apodera-se de nós por alguns minutos, e nos obriga, em nome do passado, a pensar nas coisas que não são dessa terra. (BAUDELAIRE, 1988, p. 140).

Talvez tenha sido o conceito de “fantasma de pedra” que mobilizou os estudantes a criarem os seus estudos. Com êxito conseguiram redimensionar o espaço, criando possibilidades de articulações do seu próprio uso com as poéticas propostas, inerentes as dinâmicas epistemológicas nas artes visuais contemporâneas.

Para fomento das idéias e discussões, bem como pensar propostas, passamos então a visitar as ruínas, idas e vindas sem conta, intermitentes, imbuídos os mestrandos e a curadoria dos sentimentos de integração e descobertas. Concomitante, o grupo andou à busca de visualizar o espaço na escolha de ângulos e cantos, efetuar registros documentais, fotográficos e criar croquis, rabiscos e anotações que pudessem subsidiar os projetos.

Como as mencionadas ruínas de algum tempo pertencem à FIB, como já foi mencionado, era preciso solicitar-lhes autorização toda vez que precisávamos adentrar na fábrica, desse modo cumprindo praxes e respaldando deslocamentos e visitas. Paulatinamente, em decorrência dessa aproximação, a FIB tornou-se nossa parceira e abrigou a proposta que agora exponho.

Iniciamos, assim, um produtivo diálogo com os arquitetos responsáveis pela restauração do imóvel<sup>iii</sup>.

Foi também durante essas visitas, e especialmente com a confirmação do apoio pela FIB, que se constatou a existência de outros potenciais espaços para ampliação do projeto. Dessa forma, além dos discentes do curso de Pós Graduação, do qual fazem parte Eva Arandas, Conceição Fernandes, Isabel Gouvêa, Jordan Martins, Mili Genestreti, Paulo Guinho, Renata Cardoso, Sandra De Berduccy, Tinna Pimentel, Wagner Lacerda, integraram-se à equipe já formada para o supracitado projeto membros do grupo de pesquisa *Matéria*,

*Conceito e Memória em Poéticas Visuais Contemporâneas* (MCM), certificado pelo CNPq, composto por VigaGordilho (líder), Maria Herminia Olivera Hernández (vice-líder), Luiz Cláudio Campos, Maria Luedy, Giovana Dantas, alguns estudantes da Graduação ou egressos da EBA, Maria Sena Andrade, Monteserrat Silva, Juliana Moraes, Liesy Schwarz, Maristela Bernal, Matheus Cumming, Neu Fernandez, Paloma Lages, Carmo Ledna Barbeitos, Célia Mallet, Lica Moniz de Aragão, Marcio Ramos, Anderson Cunha, Bernardo Rozo, José Henrique Barreto, Jô Souza e Jucira Araújo (estes três últimos artistas convidados), totalizando trinta e dois artistas na integração da proposta.

Dos projetos ecoaram linguagens distintas repletas de símbolos que seguramente foram polemizadas, discutidas e promoveram, na cidade do Salvador da Bahia, a possibilidade da arte potencializar, nos indivíduos soteropolitanos que visitaram o projeto, identificações estéticas, sociais e étnicas, e conceitos gerados a partir da ocupação transitória, promovendo relações indiciárias e solidariedades que delimitaram novos campos da ação. Pela importância social de que se reveste o assunto, para além de cultural e artístico, salienta-se que o local das ruínas constitui-se uma área desprovida de monumentos artísticos e de quaisquer outros tipos de interferências em arte, nunca utilizada anteriormente para ações culturais, posta em sacrifício, portanto, pela falta de planejamento urbano e pela frequência de marginais que muitas vezes usavam o espaço para desova de cadáveres.

Com os projetos prontos, constatou-se que neles comportavam imagens a serem criadas, como uma área de passagem no entorno, sob aspectos bidimensionais e através da tridimensionalidade; alguns apontavam performances e instalações, enfim, os artistas sugeriam uma superação de limites, o que veio a promover pela sensibilidade com que olharam e se debruçaram nos projetos, um trânsito híbrido entre as linguagens artísticas: Escultura, pintura, gravura, fotografia, plotagem e ações no interior da fábrica vieram a formar um caleidoscópio de idéias, de sombras e luzes, em inusitados entrelaçamentos cujos elementos transitaram entre matéria, memória e conceito, o que exigiu um planejamento cuidadoso.

Como o processo criativo se amplia e se fortalece, na ação, surgiu uma outra idéia: as imagens seriam vistas por um observador em movimento e, ao contrário da própria vocação da estátua, não se mostrariam fixas, nem teriam

pretensão de permanência, mas antes cumpririam um outro destino, o de levar ao povo distintas poéticas visuais impermanentes, e a fotografia, refletindo lugar e vez, testemunharia as ações através do registro.

## **A AÇÃO**

Providenciadas as especificidades de montagem, o grupo reuniu-se às 7h do dia 9 de dezembro de 2006, no interior das ruínas, para as devidas acomodações. Apenas duas horas após, no mesmo dia e local, foi o projeto aberto ao público, ao qual foi oportunizado vivenciar cada processo criativo junto ao artista responsável, muitas vezes colaborando e interferindo nas poéticas processuais: A obra, ali aberta, espelhava um convite à partilha, interferência e investida criativa.

Propiciou-se assim, no interior das ruínas, um conjunto indissociável de obras e um sistema de ações que dialogavam entre si e também com todos aqueles que também pudessem ali estar, estabelecendo-se uma obra em trânsito, em analogia ao funcionamento de uma fábrica setorizada. Por considerar que se tratava de um espaço não institucional, assinalam-se aspectos significativos em relação à vivência do processo criativo e, conseqüentemente, na montagem dos trabalhos, como a adequação a situações que surgiram paralelas às interferências. O projeto, naquele dia em que aberto ao público esteve - evidenciando uma vez mais o caráter processual que lhe é inerente, manteve-se 9 (nove) horas, em contínuo processo de arte, das 9h às 18h.

Sob essas considerações, gostaria de tecer breves reflexões sobre as interferências de alguns artistas, para melhor compreensão do projeto. Início pela minha própria obra, que foi gerada a partir do primeiro impacto com as ruínas, como já foi descrito no início deste artigo, somada à percepção dos inúmeros pombos habituais moradores das ruínas e que na mesma ocasião dividiam conosco o espaço.

A instalação que realizei, foi intitulada “Passa arada” . Montada no primeiro piso da antiga fábrica, em um espaço azulejado e pouco iluminado, de difícil acesso, propunha refletir sobre os viveiros vazios, instaurando e reproduzindo sombras nas paredes e no teto, de onde pendiam inúmeros pássaros confeccionados em origami. À entrada, uma mesa fora colocada e, sobre ela, disponibilizado deixei o material, sugerindo aos visitantes que continuassem a

ação: ENTRE, DOBRE E PENDURE. Os “pássaros” eram então surpreendentemente suspensos no teto, por fios invisíveis que se faziam indistintos à luz ou à sombra, criando efeitos de uma revoada fantasma que ecoavam no viveiro vazio, lá, na entrada da fábrica, pois também lá, revisitando o passado, foram dispostas caixas de som reproduzindo gorjeios de pássaros.

EVA ARANDAS – Discente do Mestrado MAV/PPGAV, tem como objeto de estudo o movimento cinético existente nos brinquedos populares, Sob este recorte, desenvolveu, em um canto de espaço térreo da ruína, a obra intitulada “D- corda”. Sob iluminação direcionada, a poética pontuava duas bailarinas inseridas em caixinhas de música; ao girarem refletidas na luz, multiplicavam-se em tamanho e projetavam grandes sombras na parede. A artista estabeleceu o seguinte questionamento no seu processo: “Quantos sonhos anônimos, reprimidos e alienados foram abafados, suprimidos, dispersos?”.

CONCEIÇÃO FERNANDES - Considerando a proximidade entre o oceano e as ruínas, criou com terracota, alumínio e estanho a obra “Oceânico”, medindo 160 cm diâmetro. Retomando a forma trazida pelo barro rachado, reflete a artista:

“Oceânico” foi uma semente para expansão em meu caminho poético, morreu para frutificar. (...) Nas ruínas, reviveu feridas como as dos muros que Paulo Guinho recolheu e redimensionou, mas se aliviou com as marcas d’água das imagens projetadas por Wagner Lacerda nos corpos vivos, em movimento. Ocupou seu lugar, dialogando expressivamente com as imagens de Tina Pimentel e se fragilizou com o tilintar de vidros quebrados que vinham do andar de baixo. Esteve pendurado no espaço. “Oceânico, alçando vôo como os pássaros de VigaGordilho, mas explorou camadas mais profundas trazidas pela memória, como aquelas à mostra feitas por Luís Cláudio e Henrique.”

ISABEL GOUVÊA – Fotógrafa paulistana tem como campo de investigação o mito de iemanjá, nas suas pesquisas do MAV. Seguindo o que na alma lhe vai, e move na proximidade das ruínas com o mar, instalou, em uma das estruturas das janelas que dão para a frente das ruínas, uma série de objetos em plástico transparente (pequenas embalagens), contendo, no seu interior, imagens distintas de iemanjá e água. É interessante pontuar que a série criava, no espaço exterior àquela parte ocupada, uma releitura advinda das cores dos vitrais que ainda existem na fachada da fábrica.



JORDAN MARTINS – Com a interferência “Invasão”, o mestrando, artista norte-americano, tem como objeto de pesquisa no PPGAV interfaces entre a colagem e a pintura, utilizando fragmentos textuais de espaço público.

“A sensação de ausência nas ruínas é aparente, porém é ilusória também. Existe uma potência vital, que se liberou no momento em que a fábrica fechou, que já começou brotando quando a função oficial do espaço terminou. Fungos, musgos, pombas, samambaias, distintas matérias oxidadas e o homem invadem o espaço. (...) Essas invasões mostram o lugar de uma perspectiva mais ampla, sublinhando a transformação constante na vida, entre crescimento e decomposição”.

MILI GENESTRET – Pesquisando o tempo e o poder corrosivo do metal e, para executar a sua poética no projeto, “escutou” o que sugeria uma das cavidades existentes no piso inferior da fábrica. Utilizou duas chapas de ferro medindo cada uma 62X31 cm. Entreabertas, o observador podia vislumbrar uma luz âmbar oriunda do interior. Disse a artista sobre sua interferência: “A verticalidade sugerida pela luz comunga com a complexidade da existência.”.

PAULO GUINHO – Recolheu literalmente nas paredes das ruínas, “feridas do tempo”, fez uma grande impressão digital e criou matrizes com placas de polivinil cristal e reproduziu imagens ininterruptamente sobre papel, interagindo com os visitantes durante a mostra processual. Palavras do mestrando “ Nesta intervenção urbana pude vivenciar uma nova experiência, um confronto saudável, uma felicidade imaginável nesse território. Isto me fez retornar a infância. Esse encontro me fez dialogar com o espaço e sua memória, sem hesitar na realização de uma intervenção, era preciso registrar essas feridas, essa passagem no tempo. “As Ruínas & suas Feridas”, (...) foi o título que dei a minha obra. Com o auxílio de uma prensa de gravura imprimir ‘as feridas’ durante o acontecimento do evento. As atividades artísticas realizadas neste território tipicamente urbano, fizeram com que houvesse uma interlocução entre dois momentos distintos: um recorte no tempo e a memória do lugar.

RENATA CARDOSO - Doutoranda em Artes Cênicas, Renata desenvolveu no projeto objetos representativos da especificidade do teatro, utilizando próteses para criação de máscaras. A artista escolheu uma área da ruína semelhante a um pequeno teatro e para realizar sua ação, estabeleceu os seguintes questionamentos; “ Não estamos todos (ou muito de nós) usando máscaras sociais? Não temos disfarces?”.

SANDRA DE BERDUCCY - Artista boliviana a mestranda, desenvolve uma pesquisa em artes que entrelaçam recursos diversos, tendo a polissemia da

linha como objeto e conceito principal de estudo. A artista criou uma instalação apresentando uma ponderação sobre a dicotomia entre as indústrias e a natureza. Apropriou-se de elementos existentes no terceiro piso da fábrica, a céu aberto, e a eles incorporou pintura, texturas e linhas, desse modo integralizando a sua poética. Reflete a artista: “As linhas lembram torneiras abertas, parece que agonizam, desmaiam e se espalham no chão cinza, dando a impressão que, aquilo que escorrega por elas e se espalha no chão, não é outra coisa senão as cores azuis do mar e do céu”.

TINNA PIMENTEL - A mestranda utilizou no projeto, imagens capturadas de garrafas encontradas em Luanda, estabelecendo um diálogo com as garrafas produzidas na antiga fábrica. Sobre essa analogia, diz a artista; (...) “As imagens das garrafinhas Fratelli Vita, que via das janelas da fábrica, resgate da memória da minha infância (...) As ruínas da fábrica me levaram às também as ruínas de Luanda saída da guerra, aonde algumas pessoas sobrevivem de um comércio alternativo e informal. É comum encontrar expostas garrafas de cerveja e de refrigerantes no meio da rua”. A obra foi executada em imagens digitais, anexada a duas estruturas de ferro, dialogando com a obra de Isabel Gouvêa.

WAGNER LACERDA - Criou este mestrando um laboratório de ações e projeções no interior da fábrica. Com sua obra *Fra[cristais] humanus* e, com imagens e materiais diversos que reviviam a memória do espaço e suas funções, associou os cristais às formas dos fractais da natureza, projetou sobre os corpos dos *performers*, formando um grande calendoscópio humano em um conjunto de cores, transparências e movimentos. Sobre o processo, acentuou o artista: “Apresento também o corpo do *performer* como pano de fundo, desde suas qualidades matéricas, através da pele (...).

LUIZ CLÁUDIO CAMPOS e JOSÉ HENRIQUE BARRETO - Em conjunto criaram a obra “Eu me lembro”. Estabelecendo como a resina cristal de poliéster, a história e a memória, um diálogo “transparente” entre a obra e as ruínas.

MARIA LUEDY - egressa do PPGAV, membro do grupo MCM, tem como pesquisa as fibras naturais e seu desdobramento na feitura de papeis. Na sua interferência, estabeleceu um diálogo visual no primeiro piso do prédio, aproveitando um teto que estava em processo de rachaduras. Talvez ela tenha

percebido essas rachaduras como possíveis casulos, pois suspenso a cada fragmento ela dispôs borboletas multi- coloridas. Diz a artista sobre sua proposta.: “Ao percebê-lo pela primeira vez, constatei que o teto estava pronto, com a expressividade inerente ao abandono, assim as pequenas borboletas apenas sinalizavam a atenção dos espectadores, ao mesmo tempo contrastavam vida e a morte, em sintonia aos pássaros em origami de VG, pois as minhas borboletas tb, buscavam a leveza, entretanto, eram feitas de penas”.

GIOVANA DANTAS – integrante do MCM, manteve na construção da sua obra o cuidado de não interferir nas marcas do tempo. Tomou cada mancha, cada infiltração, cada rachadura como um registro especial do laborioso tempo e com suas peles e promoveu um diálogo entre a obra e a ruína com a performer Jô Souza, que usando um vestido de pele, circulou entre os visitantes.

CÉLIA MALLET – Na sua poética, imagens pessoais como mesas postas em toalhas adamascadas sob o tintilar de talheres possivelmente projetam em sombras cortes vasados em longos papéis de seda. “Encontrei amparo na memória coletiva de outras mulheres. De uma reflexão sobre o espaço/tempo reservado por mulheres, para seus pequenos lazeres, tomei os trabalhos manuais, como indicativo de uma necessidade de expressão inerente ao gênero. A imagem de uma mulher debruçada sobre seu bordado...”

LICA MONIZ – Apropriando-se de elementos encontrados no mar, interagiu no projeto, com a obra “Parada da Maré: “ Na Baía de Todos os Santos, a força das correntezas (enchentes e vazantes das marés) é fortíssima, fazendo com que os mergulhos em naufrágio sejam feitos nas paradas das marés”, diz a artista conceituando o título que atribuiu a sua obra.

Após essa pequena conceituação, é interessante destacar que recebemos também inúmeras visitas de ex- funcionários da fábrica e dos seus familiares, um encontro do cidadão e de suas próprias memórias, pontuando uma característica que se torna cada vez mais significativa para mim, enquanto artista-curadora: as obras de arte podem e devem participar da cidade, como significativos marcos referenciais, unir espaço e tempo distintos como elementos aglutinadores, alusão simbólica, ponto referencial da cultura no que ela tem de história, de espiritualidade e de fantasia, e, neste recorte, o projeto Ruínas Fratelli Vita cumpriu a sua função.

<sup>i</sup> A FIB tem como reitor o Prof. Dr. Nelson Cerqueira e como vice-reitor o Prof Dr. Osvaldo Araújo.

<sup>ii</sup> Segundo depoimento do arquiteto responsável pelo projeto Marcos Serrano, o imóvel principal, terá a sua fachada totalmente restaurada em suas características originais, sendo que o pátio central será reservado para exposições.

<sup>iii</sup> Marcos Serrano e Jorge Martins, que nos apoiaram em todas as especificidades necessárias à instauração das obras sugeridas ou apresentadas como indispensáveis: desde a segurança local, à limpeza da fábrica (por mim acompanhada, pessoalmente), deixando intactas as marcas indiciárias, ervas daninhas, raízes das árvores trepadeiras que saíam pelas tubulações a anunciar perigos, o esmaecido de outras eras, ou mesmo a instalação do gerador, a aquisição das luminárias, colocação de escadas, providências afeitas aos operários, andaimes e, finalmente, patrocínio e elaboração do folder: de tudo com presteza cuidaram, dentro do possível e do necessário assumiram riscos e custos para o desenvolver dos trabalhos.

## REFERENCIAS

BAUDELAIRE, Charles. A modernidade de Baudelaire (textos inéditos selecionados por Teixeira Coelho). Rio de Janeiro; Paz e terra, 1988,

BÉRGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

GORDILHO-VIGA, Maria V. G. Martins. CANTOS CONTAS CONTOS *Uma trama às águas como lugar de passagem*. Salvador: P555, 2004.

KANDINSNSKY, W. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Ed. Perspectiva, 1987.

PAREYSON, L. Formação da obra de arte. In: *Estética, teoria da formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1991.

PASSERON, René. A poética em questão. In: *Revista de Artes Visuais*, Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre: Instituto de Artes da UFRGS, 2004.

Maria Virginia Gordilho Martins  
1953, Salvador, Bahia, Brasil  
vigagordilhofba@gmail.com

VigaGordilho, Artista - curadora, trabalha com reflexões prático-teórica, tendo como campo de percepção as raízes culturais afro-indígenas brasileiras e como ação, o entrelaçamento da matéria, conceito e memória em poéticas visuais contemporâneas, estabelecendo um diálogo de formas e espaços, em que o bi e o tridimensional dialogam em linguagem híbrida.